

**Resumo:** Esta pesquisa foca os aspectos morfossintáticos da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. O trabalho é composto por um levantamento sócio-histórico bem como lingüístico de Cuiabá. No primeiro capítulo apresentamos um pouco de sua história e de sua cultura, bem como alguns aspectos lingüísticos do falar cuiabano. No segundo capítulo temos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. O terceiro capítulo é constituído pela análise dos dados em que podemos perceber que a variação na concordância do gênero gramatical, no português falado na região de Cuiabá, apresenta fortes evidências de uma deriva conservadora.

*Abstract:* This thesis has for objective to present a discussion concerning morphosyntactic aspects of the variation in the agreement of the grammatical gender in Cuiabano speech. The paper is composed of a social-historic as well as linguistic survey of Cuiabá. In the first chapter we present a little of its history and its culture, as well as some linguistic aspects of cuiabano speech. In the second chapter we have the methodological procedures for the research accomplishment. The third chapter is constituted by the data analysis in which we can realize that the variation in the agreement of the grammatical gender, in the Portuguese language spoken in the region of Cuiabá, presents huge evidences of a conservative drift.

## 0. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta algumas considerações sobre a tese de doutorado intitulada **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano**, defendida em fevereiro de 2007 no IEL. As características mais marcantes dos cuiabanos de *tchapa e cruz* (cidadão nascido e criado em Cuiabá e que nesta cidade pretende morrer) estão ligadas à dança, à culinária e às festas tradicionais. Nas danças regionais, como o *siriri* e o *cururu*, o instrumento típico do homem mato-grossense não pode faltar:

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, em 23 de fevereiro de 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

a *viola-de-cocho*. No dia-a-dia das pessoas da maioria dos bairros de Cuiabá, bem como nas festas tradicionais como as de São Benedito, São Gonçalo, Senhor Divino, entre um licor de pequi, uma dose de guaraná ralado na grossa e uma ventrecha de pacu, a interlocução é garantida através de um linguajar denominado de **falar cuiabano**.

Se acessarmos a literatura lingüística atual do Brasil, o que verificaremos é que o processo de variação na realização morfológica do gênero gramatical ainda é um fenômeno pouco explorado. A variação na concordância do gênero gramatical, por sua vez, constitui, no panorama lingüístico brasileiro, um fenômeno bem mais localizado.

No Brasil, alguns estudos levando em conta a questão do gênero gramatical já foram realizados. Destacamos, por exemplo, os trabalhos realizados por Carlota da Silveira Ferreira (1988), Carlos Vogt & Peter Fry (1996), Dante Lucchesi (2000), Rachel do Valle Dettoni (2003) entre outros.

Um tema que interessa à comunidade científica é a variação na concordância do gênero gramatical no sintagma nominal, marcada nos determinantes que estão antepostos ou pospostos ao nome. Ocorrências como *casa bem bonito, casado com meu irmã, a criança miúdo, a paçoca tá fino, procurar pessoa do meu personalidade, igualzinho essa Maria meu, mãe dessa nora meu* entre outras, dão uma idéia das ocorrências lingüísticas visíveis no falar cuiabano.

Para desenvolver este trabalho, partimos da hipótese de que a variação na concordância de gênero gramatical no falar cuiabano está condicionada a nomes que não apresentam a flexão de gênero. Além dessa hipótese, uma outra que norteou este trabalho é que a variação pode estar ligada a uma *deriva conservadora* da língua portuguesa, conforme afirma Silva Neto (1963).

## I. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DE CUIABÁ

### 1.1. A linguagem cuiabana

A sociedade sempre sofreu e sofrerá alterações tanto no campo político, social, religioso como no lingüístico. À medida que o tempo decorre, as alterações na sociedade vão se tornando cada

vez mais céleres em decorrência do processo de evolução por que passa o mundo. Em se tratando do campo lingüístico, a migração tem trazido significativas e rápidas mudanças no falar de muitos povos no mundo inteiro, e em Cuiabá não é diferente.

Uma variação lingüística muito recorrente no falar cuiabano é a alternância entre as consoantes africadas e as fricativas [tʃ] / [dʒ] e [ʃ] / [ʒ] como, por exemplo, *chega* [tʃega] / [ʃega] e *gente* [dʒẽti] / [ʒẽti]. Outra ocorrência fonética verificada na comunidade é variação entre o ditongo final *ão* e *on*, como *visão* [vizõ], *bonitão* [bonitõ], *condição* [kõdisõ]. É uma realização que vamos encontrá-la em poucas falas populares do Brasil. Em Mato Grosso, vamos encontrá-la nas cidades de Cuiabá, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Cáceres e alguns outros lugares próximo a Cuiabá.

Além dos traços fonéticos, o falar cuiabano apresenta também marcas bem características na morfossintaxe como, por exemplo, *depois do bomba d'água, porta fechado, a situação é esse mesmo*, entre outros. Essa se configura como nosso objeto de estudo.

### 1.2. A variedade lingüística cuiabana: nos traços morfossintáticos, o gênero

No falar cuiabano, a variação na concordância do gênero gramatical ainda é uma ocorrência verificável no dia dia-a-dia de muitas pessoas em vários pontos do espaço urbano bem como no espaço rural. Alguns estudiosos, como Dettoni (2003), já chegaram a afirmar que o que ocorre no falar cuiabano é a *neutralização do gênero*. O que temos que salientar aqui é que na verdade a marcação do gênero gramatical é oscilante. Podemos ter casos, por exemplo, como: a) *briga feio / braço bom* b) *a paçoca tá fino / era homi era muié tudu manhecia morto* e c) *esse raiz curtido na pinga, esse eu usei ele / benedita tava com a fia que tava pá morré lá casa do ermão dela*. Pelos três exemplos, podemos afirmar que a variação na concordância de gênero no falar cuiabano é marcada por três construções distintas, a saber: a) *relações internas ao sintagma nominal*, como no caso dos exemplos a; b) *relação sujeito/predicativo* como mostrado nos exemplos b; e c) *relações anafóricas* como visto nos exemplos c.

Observando esses exemplos, poderíamos até levantar a hipótese de que a variação na concordância do gênero gramatical pode ser interpretada como ausência de marcação de gênero. Se observarmos os exemplos *braço bom / era homi era muié tudu manhecia morto* e *Benedita tava com a fia que tava pá morrê lá casa do ermão dela*, podemos inferir que a hipótese não é plausível, pois nesses exemplos bem como em outros registrados nas entrevistas, temos a marcação de gênero. Mas e os casos de não marcação gênero, como explicar tal ocorrência? De acordo com Drummond (1978:62) *não se forma o feminino dos adjetivos, os quais se usam indistintamente no gênero masculino, aplicado a seres femininos e masculinos*. Comungando dessa idéia, temos o pensamento afim de Ulisdete Rodrigues de Souza. Para ela *no português mato-grossense, também não há marca de gênero. O gênero masculino designa ambos os gêneros*. (SOUZA, 1999: 166) Neste sentido, cabe ressaltarmos que para a pesquisadora a ausência de flexão de gênero no falar cuiabano é semelhante ao que ocorre em alguns crioulos de base portuguesa.

A partir do posicionamento de Drummond e Souza, o que podemos dizer é que as conclusões delas apresentam um bom espaço para discussões, pois como vimos nos exemplos acima, há enunciados em ocorrem a concordância com nomes de gênero feminino como nestes outros exemplos: *era pequena a prainha* (AMS,123,A), *essa hora milagrosa no rádio* (AMS,123,A) etc.

## 2. COLETA DE DADOS E A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Para a composição da amostra, que constitui a base empírica dos dados para análise nessa pesquisa, selecionamos 12 informantes. Como variáveis extralingüísticas, delimitamos a faixa etária e o sexo. Selecionamos 6 informantes do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Quanto à variável faixa etária, selecionamos informantes entre 21 e 40 anos, entre 41 e 60 anos e acima de 60 anos. As exigências para esses dois critérios eram de que o informante tivesse nascido em Cuiabá e filho de pais cuiabanos. Esse critério foi adotado com a finalidade de obtermos falas as mais próximas do vernáculo local.

Além dos informantes por nós entrevistados, outros *corpora* integram nossa pesquisa. Um deles é uma série de frases que extraímos de oito entrevistas feitas pelo Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida para a sua tese de doutorado denominada **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços língua antiga preservados no Brasil**, pesquisa feita na região da grande Cuiabá e Nossa Senhora do Livramento.

Valemo-nos também de uma série de recortes de entrevistas feitas por Maria Francelina Ibrahim Drummond que estão no livro **Do falar cuiabano**. Dois outros trabalhos dos quais coletamos alguns exemplos são: **A força da fala no dizer cuiabano** de Moisés Mendes Martins Júnior e **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**, de Rachel do Valle Dettoni. Muitas anotações também foram feitas a partir de conversas informais que acompanhamos em bares, restaurantes, igrejas, clubes etc.

### 3. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DO GÊNERO GRAMATICAL NO FALAR CUIABANO

#### 3.1. *Gênero: algumas considerações teóricas*

No meio acadêmico circulam vários conceitos acerca de gênero. Nosso percurso de conceitos começou com Nebrija (1492), passando por Fernão de Oliveira, Jeronymo Soares Barboza, entre outros, até os teóricos contemporâneos como Evanildo Bechara e Celso Cunha. De acordo com Nebrija (1492: 176), o gênero de um nome é aquilo que distingue o macho da fêmea, ou seja, os gêneros são classificados em masculino, feminino, neutro, comum de dois, comum de três, duvidoso e mesclado.

Já em Fernão de Oliveira em sua **Gramática da linguagem portuguesa** (1536) temos algumas considerações acerca do gênero gramatical ao afirmar (...) *que os nomes acabados em hũa letra qualquer sejam mais d'hum genero que doutro* (...) (OLIVEIRA, 1536: 143).

Para Jeronymo Soares Barboza o gênero é concebido como classe, isto é, um *arrançamento* de muitos indivíduos ou coisas que

têm alguma coisa em comum. E justifica a sua posição dizendo: *e como todos os animaes naturalmente se distinguem em duas Classes, ou Generos segundo os dous sexos de macho e de fêmea: os Grammaticos puzerão os nomes dos primeiros na Classe, ou Genero Masculino, e os do segundo no Feminino.* (BARBOZA, 1830:123).

Said Ali (1861-1953) dedicou um capítulo interessantíssimo em sua **Gramática Histórica da Língua Portuguesa** acerca da atribuição de gêneros pelos finais das palavras. Apresenta-nos uma relação de nomes que oscilaram entre masculino e feminino no período pré-camonianiano bem como no período seiscentista. Alguns exemplos merecem nosso registro aqui. *Ou que planeta é aquela.* (Gil Vicente); *Appareceo no ceo da parte do oriente hua cometa* (Castanheda, 1,98); *Ajuntou de todos os tribus que poude* (Vieira, Sermão 8,265); *Um famoso catastrophe.* (Sermão 7,200); *Aquele catastrophe* (Vieira, Sermão 9,415); *Nun Alvarez recebeu bem ho trombeta* (Fernão Lopes, 257) etc.

Evanildo Bechara, por sua vez, ao discutir a questão gênero, levanta a seguinte questão: gênero é um processo de *flexão* ou de *derivação*? Alguns substantivos aparentemente se mostram marcados pela flexão como, por exemplo, *menino/menina, gato/gata*. Acontece que ser de um gênero ou de outro depende da classe léxica dos substantivos.

Para Alina Vilalva (2004), o gênero é uma categoria morfosintática dotada de dois valores: masculino e feminino. Para ela, *quando associado a um nome animado, o masculino refere geralmente* (grifo nosso) *uma entidade de sexo masculino, e o feminino refere uma entidade de sexo feminino.* (VILALVA, 2004: 929) Quando ela diz *geralmente* é porque há exceções, pois algumas formas masculinas muitas vezes se referem a entidades do sexo feminino, como é o caso de **mulherão**.

Para Luiz Carlos de Assis Rocha, não se pode dizer que o substantivo se caracteriza por receber flexão de gênero. Contesta também a postura dos gramáticos que afirmam que o substantivo se flexiona em gênero. Assim, para Rocha (1998: 196), *dado um substantivo como, inércia, parafuso, idealização ou Brasil, não é possível prever qualquer modificação, ou seja, qualquer flexão nesses*

*substantivos com relação ao gênero*. E ainda, para ele, a maioria dos substantivos refere-se a seres não-sexuados. Neste sentido afirma que (...) *95,5% dos substantivos referem-se a seres não-sexuados e 4,5% a seres sexuados* ROCHA (1998: 196).

### 3.2. O gênero no português: presença versus ausência do morfe [-a]

Sobre o gênero no português brasileiro, nos ativemos ao posicionamento teórico dos gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra e do lingüista brasileiro Mattoso Câmara. Celso Cunha e Lindley Cintra iniciam a discussão sobre o gênero afirmando que há dois gêneros em português: *o masculino e o feminino*. Em seguida, diferentemente dos demais gramáticos, dizem que *o masculino é o termo não marcado e o feminino o termo marcado*. (CUNHA & CINTRA, 2001: 188) E prosseguem a discussão acerca do gênero afirmando que *pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo o* e que *pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo a*. (CUNHA & CINTRA, 2001: 188-189) A partir dessa definição, nomes como *aluno, povo, morfema, jabuti e casa, seriema, mala* pertencem, respectivamente, ao gênero masculino e feminino.

Mattoso Câmara, no livro **Dispensos**, no capítulo *Considerações sobre o gênero em português*, ao tratar sobre o gênero nas línguas românicas, mostra-nos a fragilidade da discussão acerca da relação gênero e sexo. Para isso ele afirma que o critério semântico do sexo só é aplicável aos substantivos referentes aos itens do reino animal. *Aí, há, com efeito, certa correspondência entre sexo e gênero, mas muito longe de ser cabal e coerente*. (CÂMARA JR., 1972: 119) Isso posto, a gramática tradicional teve que admitir a distinção terminológica entre gênero *natural* e gênero *gramatical* para poder resolver as discrepâncias adotadas do ponto de vista semântico na questão da conceituação de gênero.

Para Mattoso Câmara, o feminino é caracterizado como uma particularização mórfico-semântica do masculino. Discutindo essa postura, ele cita Trubetzkoy que afirma que essa particularização é uma (...) *oposição privativa, onde uma forma marcada pela desinência de feminino se afirma em face de uma forma não-marcada, ou de*

*desinência O (zero) para o masculino.* (CÂMARA JR., 1972: 119) Assim, as nossas gramáticas pressupõem uma oposição *equípólente* na flexão de gênero. A questão do aspecto flexional tem suas limitações que, enquanto a regra funciona para *lobo / loba*, deixa de fora flexões como de *mestre / mestra, autor / autora*.

Mattoso Câmara também põe-nos a pensar sobre o que chamou de princípio da morfologia do gênero em português. Para ele, o gênero dos substantivos se afirma pela seleção da forma do artigo determinante. Dito de uma outra maneira, *o gênero de um substantivo está na flexão do artigo que o determina ou pode determinar.* (CÂMARA JR., 1972: 122)

Outro teórico que tem uma postura semelhante à de Mattoso Câmara e de Cunha & Cintra é Rocha (1998). Para ele, o mecanismo básico de indicação do gênero é o artigo e não a flexão. Ele defende a idéia de que o gênero do substantivo é indicado através de um *expediente sintático*. Neste sentido, *substantivos como, livro, caneta, dente, clã, aluvião, pijama, tribo etc. são masculinos ou femininos, pelo fato de se lhes anexarmos determinantes flexionados em um dos dois gêneros (...)* (ROCHA, 1998: 195) Essa sua postura mostra-nos que o determinante é o marcador por excelência do gênero nos nomes em português.

Um trabalho que merece destacarmos é o feito por Margarida Taddoni Petter (1999). Dos traços morfossintáticos por ela analisados, encontramos o da indicação do gênero gramatical que é feita somente pelo artigo. Outro aspecto também observado por ela diz respeito ao adjetivo. Para ela o adjetivo é a categoria gramatical mais sensível à variação em gênero. Neste sentido, afirma que *quando anteposto ao nome, o adjetivo favorece a concordância; quando posposto favorece a não-concordância.* (PETTER, 1999: 113) E dá os seguintes exemplos: *lenha moiado* e *coisa sério*.

### 3.3. Outras considerações acerca do gênero

A concordância nominal é um fato lingüístico que é abordado do ponto de vista da morfossintaxe. Isso porque a concordância pendula entre a sintaxe e a morfologia. A concordância é um fenômeno sintático, pois se realiza na relação sintagmática da

dependência dos modificadores em geral, em relação ao nome, ou do predicativo em relação ao termo a que se refere, na relação de predicação. Em contrapartida, a concordância nominal é um fenômeno mórfico, pois se realiza nas desinências flexionais (de gênero e número), que se juntam a cada um dos constituintes integrantes no mecanismo sintático da concordância.

A concordância é um processo que exige uma adaptação flexional dos vocábulos determinantes às flexões dos vocábulos determinados. Esse é um processo que em língua portuguesa, quando ocorre entre o verbo e o sujeito, denominamos concordância verbal; já quando ocorre entre os constituintes de um SN, recebe a denominação de concordância nominal. Na língua portuguesa, a concordância de gênero é considerada obrigatória, ou seja, categórica.

A maioria dos sintagmas está dentro de um paradigma previsível de concordância, ao passo que uma outra parcela pode seguir a regra da imprevisibilidade. Os que estão dentro de um paradigma padrão de concordância, chamamos de Concordância Canônica (CC) como em *Um corgo pequeno*, e os que não estão, de Concordância Não-Canônica (CNC), como em *Uma massa bem amarelo*.

Do ponto de vista da abordagem sintagmática, podemos afirmar que o falante pode realizar plenamente o mecanismo da concordância de gênero ou não. A realização plena ocorre quando o morfema flexional de gênero está presente em todos os constituintes flexionáveis do sintagma nominal.

Sobre a abordagem mórfica, em linhas gerais, o que a caracteriza é a atualização da categoria gramatical do gênero em cada constituinte flexional do sintagma nominal. Cada constituinte, decomposto em partes menores, deve ser objeto de análise. Desse modo, em cada sintagma nominal poderemos ter várias ocorrências distintas como: *Com esse menino meu* (MMSA,68,2000), *O buraco tava lotado de água*. (MMSA,52,2000), *Quase tudo esses região* (MMSA,65,2000) e *O meu meninada é acostumado* (MMSA,68,2000).

Muitos são os nomes na língua portuguesa que apresentam a propriedade de flexão de gênero como, por exemplo, *pato/pato*, *porco/porca*, *gato/gata*, *rato/rata*, *sapo/sapa* etc. O que observamos

nesses exemplos é que todos são nomes de temas em *-o*, que se flexionam em substantivos de tema em *-a*. Em outras palavras, temos os substantivos de gênero masculino (*termo não marcado*) e o feminino (*termo marcado*).

Do ponto de vista da concordância nominal, parece-nos que a concordância de gênero tende a realizar-se mais nos SN's em que o núcleo é um nome com propriedade de flexão de gênero do que com os nomes sem propriedade de flexão e até mesmo os comuns de dois gêneros. Vejamos alguns exemplos: (1) *Uma **santa** tão poderosa* (AMS,123,A), (2) ***Caçula** meu*, a Djoana (AMS,123,A), (3) *Co **minha mão** ia comê comida* (AMS,123,A) e (4) *As **criança** **miúdo*** (AMS,123,A).

No caso do exemplo (1) temos o nome-núcleo com a propriedade de flexão de gênero (*santo/santa*), diferentemente dos exemplos (2), (3) e (4), (*caçula, mão, criança*). Alguns estudiosos já afirmaram que a concordância tende a se realizar mais com os nomes de tema em *-a* do que com nomes de tema em *-o*. No caso da comunidade em estudo, o que verificamos é que essa afirmação não é categórica, haja vista o número significativo de ocorrências encontradas como, por exemplo, *nesse fazenda mesmo aí* (MSC,53,EFI), *eu vou fazer esse semana* (MSC,53,EFI), *meninada novo né?* (MSC,53,EFI), *o meumeninada é acostumado* (MSC,53,EFI), *toda vida enfrentei por esses gleba rapaz* (MSC,53,EFI) etc.

### 3.4. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano

De acordo com Celso Cunha, a língua portuguesa no Brasil se desenvolveu em condições socioculturais as mais férteis possíveis para a conservação do que para a renovação de suas formas. E justifica essa postura ao afirmar que

*tendo vivido mais de trezentos anos sem contato com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, com um número exíguo de escolas, a América Lusitana foi alcançando nesse largo período algumas das etapas que levam os povos aos estados lingüísticos paralisantes.* (CUNHA, 1986: 202-203)

E esse panorama de conservadorismo começou a esboçar um contorno diferente a partir do século XVIII.

Na formação do falar cuiabano, bem como da língua portuguesa, outra hipótese que podemos colocar em epígrafe é que houve uma convergência de forças centrípetas e centrífugas, dando uma direção para sua configuração e estabilização. Quanto à força centrípeta essa sempre foi a responsável pela unidade da língua, pela conservação. Em sua oposição, a força centrífuga, essa sempre primando pela diversidade, pela inovação. Assim, o movimento unidade-diversidade, diversidade-unidade, faz com que ocorra o abono de certas formas lingüísticas e o desabono de outras, como uma forma de fazer uma língua caminhar numa direção. A língua é variável em decorrência de sua pluralidade. Se fosse singular, seria invariável. Desse modo, podemos dizer que o falar, bem como os costumes e hábitos, deixam sempre suas marcas, numa dada região, do povo que aí se estabeleceu.

Um grande número de ocorrências sobre a marcação do gênero gramatical na variedade lingüística de Cuiabá está em dissonância com a marcação de gênero feita pela maioria dos falantes brasileiros. Enquanto a maioria dos brasileiros faz uma concordância canônica entre os determinantes e adjetivos com o substantivo como, por exemplo, *a porta está fechada, criança bonita*, em Cuiabá encontramos várias ocorrências sobre a variação na concordância do gênero gramatical como em *a porta está fechado, criança bonito*.

No caso do SN *bomba de água* se empregássemos:

- **um adjetivo**, teríamos a concordância: *bomba de água nova / nova bomba de água*;
- **um artigo**, teríamos a concordância: *a bomba de água*;
- **um numeral**, teríamos a concordância: *uma bomba de água*;
- **um pronome demonstrativo**, por exemplo, teríamos: *aquela bomba de água*;
- **um pronome possessivo**, por exemplo, teríamos: *bomba de água minha / minha bomba de água*.

Em oposição a esses exemplos, encontramos seguinte concordância em Cuiabá:

- com um **adjetivo**, temos a concordância: *bomba de água novo* / *bonito a bomba de água*;
- com um **artigo**, temos a concordância: *o bomba de água*;
- com um **numeral**, temos a concordância: *um bomba de água*;
- com um **pronome demonstrativo**, por exemplo, temos: *aquele bomba de água*.
- com um **pronome possessivo**, por exemplo, temos: *bomba de água meu*. / *meu bomba de água*.

Dessas classes de palavras, quais as que são mais recorrentes no tocante à falta de aplicação da regra de concordância de gênero?

Vejamos primeiramente os casos em que os determinantes (artigos, pronomes, numerais) e os adjetivos, que pospostos aos nomes, não realizam a regra canônica de concordância de gênero. Os exemplos mais recorrentes são: **A caçula meu** (AMS,F,123,A), **A dança típica nosso** mesmo aqui (...) (FNC,M,65,EFI), **A vida é esse mesmo** (MFID,15,1978), Igualzinho essa **maria meu** (MMSA,95,2000), Mãe desse **nora meu** que (...) (MMSA,97,2000), **A criança miúdo** (AMS,F,123,A), **A perna bom** (AMS,F,123,A), **Gente morto** (AMS,F,123,A), **Estrada pequeno** (ALS,F,44,EFI), **Carne frito** (...) (MFID,16,1978), Comprar **carne** seca, cortar **ela** bem **miúdo** (MS,F,69,EFI) etc. Na concordância canônica da língua portuguesa, quando temos essas estruturas, as concordâncias esperadas são, por exemplo, *nora minha, perna boa, estrada pequena, carne frita* etc., diferente do que verificamos nos exemplos acima.

Passemos agora aos casos em que os determinantes e os adjetivos estão antepostos aos nomes, e que não apresentam a regra de concordância de gênero.

Dos exemplos coletados em Cuiabá, encontramos as ocorrências nos pronomes demonstrativos, nos artigos, nos numerais e nos adjetivos. Essas ocorrências são as que mais chamam a atenção em decorrência da excentricidade da ocorrência na língua portuguesa. Encontramos casos como **Det. + Pron. + N. - Djá**

*aconteceu muita coisa boa no mia vida* (RVD,11,2003); **Det. + Num. + N.** - (...) *que eu fui tomar o primeiro injeção na minha vida* (...) (RVD,170,2003) e tendo como o mais recorrente o do **Det. + N.** - *Me dê um água*. (AMS,F,123,A).

A falta de concordância verificada na estrutura **Det. + N.** é muito produtiva na comunidade em estudo. O que se destaca nessa ocorrência é que palavras femininas estão antecedidas de um determinante masculino como em *água, coisa, espinha, sede, Lurdinha* etc. Os exemplos abaixo mostram que o arcabouço teórico construído por Mattoso Câmara, por Cunha & Cintra e por Rocha de que o gênero de um substantivo está na flexão do artigo, mais uma vez não se confirma. Os exemplos mostram o emprego do determinante masculino de forma indistinta para os nomes femininos como em: *Me dê um água* (AMS,F,123,A), *Fez o porcaria* (AMS,F,123,A), *Eu cheguei no mamãe* (...) (RVD,11,2003), *Desse irmã* de caridade (AMS,F,123,A), *Esse casa* (AMS,F,123,A), *Eu vou fazer esse semana* (MMSA,68,2000), *Não tinha aquele igreja* (AMS,F,123,A), *Esse que é a vontade* que eu tinha (AMS,F,123,A), *Ficava bonito a vasilha* (AMS,F,123,A) etc.

De um modo geral, na língua portuguesa se o adjetivo está anteposto ou posposto ao substantivo, a concordância sempre é feita com ele. No caso do adjetivo posposto ao substantivo temos a seguinte ocorrência na língua portuguesa: *a vasilha bonita*. No caso do adjetivo anteposto ao substantivo a ocorrência é: *bonita vasilha / bonita a vasilha*. O que verificamos no falar cuiabano é que quando o adjetivo vem anteposto ao substantivo, a concordância canônica não se verifica, como mostram os exemplos acima.

A partir dos exemplos acima arrolados, o que observamos é o que foi teorizado por Mattoso Câmara, por Cunha & Cintra e por Rocha no tocante ao emprego do artigo como marcador de gênero não se confirmou nos casos analisados. Além disso, outro aspecto que sobressaiu foi que a falta de aplicação da regra de concordância foi mais visível nos nomes sem a propriedade de flexão que são recorrentes tanto na posição pós-nominal como pré-nominal. Só a título de exemplo, listaremos aqui uma série de palavras retiradas das falas dos informantes para reforçar essa

hipótese. Assim temos: *água, aranha, argola, banana, barragem, caçula, cara, carne, casa, casinha, cidade, cobra, coisa, comida, Corumbá, criação, criança, Cuiabá, comida, dança, espinha, estrada, fala, família, fazenda, feira, gente, hora, idade, igreja, injeção, janela, Lurdinha, mamãe, mandioca, mão, Maria, massa, mesa, nora, onça, perna, pessoa, pinga, porcária, porta, rapaziada, região, roupa, sede, semana, situação, vaga, vasilha, vida*. Aqui estão algumas das palavras que são encontradas em praticamente todos os diálogos no cotidiano dos informantes entrevistados. Nesse rol, cabe destacarmos que os substantivos próprios (de pessoas e de cidades), os comuns-de-dois e os epicenos integram uma categoria muito produtiva quanto à falta de aplicação da regra de concordância.

As ocorrências verificadas acima também são recorrentes no dialeto caipira. Os textos usados para análise foram **O dialeto caipira**, de Amadeu Amaral e **O dialeto caipira na região de Piracicaba**, de Ada Natal Rodrigues. Encontramos exemplos como *É um coiso esquisito* (ANR,202,1974), *Essa lata cheio d'água na cabeça (...)* (ANR,203,1974), *As criança távum quéto* (AA,1920), *Essas coisarada bonito* (AA,1920), *Um coisa de ferro assim (...)* (ANR,202,1974) etc.

Quanto aos dados coletados em Portugal, os exemplos são de períodos muito variados. Constam do *corpus* exemplos desde o século XVII até o século XX. Em Portugal a ocorrência mais produtiva quanto à falta de aplicação da regra de concordância de gênero foi verificada no emprego do artigo. Assim, temos exemplos como *huma premio decuádo* (Antonio C. Vianna, 288,1783), *o oração seguinte* (Maria M. G. de Oliveira, 182,1967), *o arroba de feijão a 15/8<sup>as</sup>* (Antonio Á. L. Peixoto, 1727), *o raiz* (Clarinda de A. Maia, 1975), *um certo ponte* (Maria Rosa L. D. Costa, 301,1961) etc. A segunda maior ocorrência diz respeito ao emprego dos pronomes demonstrativos. Assim, registramos exemplos como os que seguem: *aquele bruaca* (Boléo,1942), *esse madre escrivaninha* (Antonio C. Vianna, 280,1783), *aquele masseirinha* (Boléo,1942) etc. Quanto ao emprego do adjetivo, encontramos *bonito essa flora* (Boléo, 1942) e *fermosa conselho* (Garcia de Resende,48,1516).

## CONCLUSÃO

Ao longo da tese buscamos apresentar a configuração da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. Em se tratando da variação na concordância nominal de número, esta é notória, em grau mais ou menos recorrente, em praticamente todas as variedades do português brasileiro. Se observarmos a categorização da recorrência, podemos afirmar que ela já funciona como se fosse uma regra na variedade coloquial do português brasileiro. Já quanto à variação na concordância nominal de gênero não podemos dizer o mesmo. A ocorrência é mais localizada, isto é, ela está circunscrita a certas variedades lingüísticas brasileiras.

Um aspecto teórico que levantamos sobre o falar cuiabano é que ele pode estar circunscrito ao que chamamos *deriva da língua*. Um fato que não podemos negar é que a língua é variável. Sendo essa uma característica inerente, uma língua não se espalha num dado espaço da mesma maneira. Estará sempre vinculada às mais diferentes variações, em decorrência dos mais diversos fatores: sociais, políticos, econômicos etc. Isso se explica porque a linguagem segue pelo tempo afora num trajeto que lhe é próprio. A essa autonomia é que Sapir (1971) denominou de *deriva*.

Ainda falando sobre a deriva, cabe lembrarmos que, de acordo com Silva Neto, na constituição do português brasileiro há, desde o século XVI, duas derivas: *a) uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve muito lentamente e b) uma deriva a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada.* (SILVA NETO, 1963: 129-130) Quanto à primeira deriva, o que podemos inferir é que uma população proveniente dos mais diversos pontos de Portugal que, em contato com um meio lingüístico tão diverso como o nosso, elaborou um denominador comum sem participar das mudanças operadas de modo especial nos grandes centros. Isso fez com que o falar que não recebia influências das línguas aqui existentes, lograsse o caráter conservador. No caso da segunda deriva, o que temos é que grandes multidões tiveram que aprender, de forma imperfeita e muito rapidamente, a língua dos senhores. Por essas duas derivas, o que podemos inferir é que a

língua portuguesa, em alguns lugares do país, manteve-se conservadora e, em outros, inovadora.

Pelos casos observados no falar cuiabano, no dialeto caipira e em Portugal, diante da postura de Sapir bem como a de Silva Neto, o que podemos dizer é que temos indícios de que no falar cuiabano operou uma deriva, uma *deriva conservadora*.

Tanto pelos exemplos do Brasil como pelos de Portugal, percebemos que não é o gatilho de uma inovação na língua portuguesa. Olhando somente os exemplos no Brasil, poderíamos afirmar que a variação na concordância do gênero gramatical poderia ser vista como a implementação de uma regra. No momento em que voltamos nosso olhar para Portugal, percebemos que as estruturas sintáticas em que ocorrem a falta de concordância em Cuiabá são as mesmas vistas em Portugal. Portanto, o que ocorre em Cuiabá não se configura como uma inovação ou a implementação de uma regra na língua portuguesa.

#### REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1995.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade Costa. **O falar da Escusa**. 1967. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.
- BARBOZA, Jeronymo Soares. 2. ed. **Grammatica philosophica da lingua portuguesa**. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830.
- BAXTER, A. **Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro**: divergências nas vertentes afro-brasileiras. Revista Internacional de Língua Portuguesa, 1995.14. 72-90.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. **O estudo dos dialectos e falares portugueses**: um inquérito lingüístico. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1942.
- BRAGA, Franklim Costa. **Quadrazais**: etnografia e linguagem. 1971. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Monsanto**: etnografia e linguagem. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dispersos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CARDEIRA, Esperança Maria da Cruz Marreiros. **A língua portuguesa na primeira metade do século XV: elementos para uma caracterização do Português Médio**. 1999. Dissertação (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CARENO, Mary Francisca do. **Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1997.
- CARVALHO, J. G. Herculano de. **Teoria da linguagem**. Coimbra: Coimbra Editora, 1983.
- COSTA, Maria Rosa Lilá Dias. **Murteira: uma povoação do Concelho de Loures**. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1961.
- CRUZ, Maria Luisa Segura da. **O falar de Odeleite**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1991.
- CUNHA, Celso. **Conservação e inovação no português do Brasil**. In: O Eixo e a Roda, v. 5, Belo Horizonte, 1986, p.199-230.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. **Novíssima gramática do português contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.
- DELGADO, Maria Carolina Saramaga. **O falar de Baleizão**. 1970. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. 2003. 256p.Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.
- DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. **Do falar cuiabano**. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.
- FERREIRA, Carlota da Silveira (1988). **Remanescente de um falar crioulo brasileiro (Helvécia-Bahia)**. In: Ferreira, Carlota et alii. Diversidade do Português do Brasil - estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: UFBA-PROED. pp. 21-32.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

- LUCCHESI, Dante & MACEDO, Alzira. **A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu.** In: Pápiá – Revista de Crioulos de base ibérica. Nº 9, 1997.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira:** novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. 2000. 364 fls. mimeo. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. **Os falares do Algarve.** Coimbra: Separata de: Revista Portuguesa de Filologia, v. 17, tomos I e II, 1975.
- MARQUES, Maria Casimira Almeida. **O falar da Azoia.** 1968. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste:** Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Editora Nacional, 1934.
- MARTIN, John W. **Gênero?** Revista Philologus, ano 6, nº 16. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2000, p. 65-69.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. **Gramática da língua portuguesa.** 6. ed. Lisboa: Caminho, 2004.
- MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- MOURA, Constança da Silva Pires. **Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe:** etnografia, linguagem e folclore. 1960. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta P. **Sobre as origens do português popular do Brasil.** In: DELTA, v. 9, nº Especial, 437-454, 1993.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Fernão de. **A gramática da linguagem portuguesa.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1975.
- PALMA, Maria Luíza Canavarros. **Varição fonológica na fala de Mato Grosso:** um estudo sociolingüístico. Cuiabá: UFMT, 1984.
- PEREIRA, Maria Fernanda Afonso Alves. **O falar de Soajo.** 1970. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. **A contribuição das comunidades negras para a caracterização do português brasileiro.** XVI Anais de Seminários do GEL – 1995 – p. 543-549.

- \_\_\_\_\_. **A linguagem do Cafundó:** crioulo ou anticrioulo? In ZIMMERMAN, Klaus (ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Vervuert: Bibliotheca Iberoamericana, 1999. p. 101-117.
- QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco:** a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- RATINHO, Maria Filipe Mariano. **Monte Gordo:** estudo etnográfico e lingüístico. 1959. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- RESENDE, Garcia de. **Cancioneiro Geral.** Lisboa: 1516 – Reprinted with the permission of The Hispanic Society of America Kraus Reprint Corporation; Nova Iorque, 1967.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba.** São Paulo: Ática, 1974.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana:** traços de língua antiga preservados no Brasil. 2000. 319 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SAPIR, Edward. **A linguagem:** introdução ao estudo da fala. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira e NARO, e Anthony J. **Sobre as origens estruturais do português brasileiro:** criouliização ou mudança natural? *Revista PAPIA*, n. 11, 2001, p.40-50, Thesaurus Editora, Universidade de Brasília – Brasília.
- SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SILVA, Mariza Pereira da. **A dinâmica de um processo de mudança:** variação entre [áw] e [ô] em Mato Grosso. 2005. 187 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense:** uma perspectiva crioulistica. 1999. Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília, Brasília.
- VIANNA, A. R. Gonçalves. **Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

VILLAVA, Alvina. **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português**. 1994. Dissertação (Doutoramento em Lingüística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

VOGT, Carlos & FRY, Peter. **A África no Brasil: cafundó**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.